

# O Perfil Locacional do Emprego Setorial no Brasil

## **Carlos Alberto Piacenti**

- Doutorando em Economia Aplicada na Universidade Federal de Viçosa (UFV);
- Professor do Colegiado de Economia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)/Campus de Toledo;
- Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Agronegócio e Desenvolvimento Regional (Gepec).

## **Lucir Reinaldo Alves**

- Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc);
- Professor assistente do Colegiado de Economia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)/Campus Toledo;
- Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Agronegócio e Desenvolvimento Regional (Gepec) e do Grupo Dinâmicas Socioeconômicas Nacionais e Regionais Comparadas (Disenrec).

## **Jandir Ferrera de Lima**

- Ph.D. em Desenvolvimento Regional pela Université du Québec (UQAC) - Canadá;
- Professor adjunto do Colegiado de Economia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)/Campus de Toledo;
- Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Agronegócio e Desenvolvimento Regional (Gepec);
- Pesquisador Associado do GRIR-UQAC.

## **Resumo**

---

Analisa o padrão de localização do emprego nos setores econômicos das regiões brasileiras no período de 1985 a 2000. O método de análise utilizado é o *shift-share* em conjunto com medidas de especialização e localização. Os resultados demonstram que houve transformações significativas na distribuição setorial do emprego na economia brasileira no final do século XX. Essas transformações não foram maiores em função da fragilidade macroeconômica da economia nacional e o movimento da economia internacional, sem contar os problemas energéticos que afetaram diretamente o Nordeste e o Sudeste do Brasil. A dinâmica setorial do emprego nas regiões brasileiras demonstra que uma nova espacialização da economia está em curso no Brasil.

## **Palavras-chave:**

---

Análise Regional. Economia do Trabalho. Economia Brasileira.

## 1 – INTRODUÇÃO

Segundo Kon (1999), a reestruturação das economias regionais está associada à ampliação do setor de serviços, o que impele a novas formas hierárquicas. Nesse caso, o setor de serviços não só se torna indutor do processo de desenvolvimento regional, mas se torna mais significativo na ocupação da mão-de-obra, ou seja, na geração de empregos. No caso do Brasil, isso implicaria o fortalecimento do setor terciário nas regiões mais desenvolvidas e, ao contrário, nas demais regiões. Assim, o objetivo desse artigo é analisar a localização e o desempenho setorial do emprego nas regiões brasileiras no período de 1985 a 2000. Essa análise será útil na identificação dos setores mais dinâmicos na atração de novos postos de trabalho e sua localização espacial no Brasil. Os resultados fornecerão referências empíricas no tocante a alocação do emprego e o papel dos serviços nessa alocação.

Deve-se ressaltar que esta análise apresenta-se como uma interpretação alternativa da dinâmica setorial do emprego nas regiões brasileiras no que diz respeito à reorganização das suas atividades produtivas e sua influência na especialização espacial. Nesse sentido, as medidas de localização e especialização revelam o grau de importância de cada setor e a diversificação oferecida por cada região frente à estrutura de ocupação de mão-de-obra nas regiões do Brasil.

A primeira seção do artigo apresenta elementos teóricos e metodológicos utilizados na formação dos indicadores de análise regional. A segunda seção trata da análise dos resultados dos indicadores, fornecendo o padrão de localização, a redistribuição, especialização e reestruturação do emprego entre os setores econômicos nas regiões brasileiras. Complementando essa análise, a terceira seção trata da dinâmica diferencial-estrutural do emprego. Finalmente, a seção seguinte apresenta os resultados da pesquisa e a situação do setor de serviços no desenvolvimento regional do Brasil no final do século XX.

## 2 – ELEMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Kon (1999) chama a atenção para a realidade de que a evolução do setor de serviços de uma

economia está relacionada a fatores particulares dessa economia, bem como ao volume e velocidade da liberação da mão-de-obra do setor primário da região e de outras regiões para as atividades urbanas, à evolução das atividades de transformação, à capacidade de absorção das atividades urbanas, em especial de transformação, e às economias externas de uma região que atrai a localização de novas atividades produtivas.

Diferente de Kon (1999) e Miranda (2006) utiliza um modelo teórico relacionando comércio, crescimento e desenvolvimento econômico para demonstrar que o comércio em específico, mesmo em situações de dependência, é um forte estimulador do processo de desenvolvimento regional. Nesse modelo, o poder de manipulação do preço dos produtos da pauta de exportação é passível para todas as regiões, ou seja, aquelas que comercializam entre si. Ao contrário de Miranda (2006) e Furtado (2002) vê o processo de desenvolvimento econômico como um processo endógeno de criação de demanda, ou seja, de formação do mercado interno. Segundo o autor, no subdesenvolvimento, a diversificação da demanda vem do exterior; da mesma forma, o progresso técnico só é conseguido através do comércio exterior. Então, o desenvolvimento regional envolve a criação de padrões de consumo e geração de renda a partir da dinâmica interna da economia, diminuindo sua dependência da transferência de tecnologia e capitais externos. Por isso, em alguns casos, avançar no desenvolvimento regional significa avançar em mudanças estruturais na estrutura da economia.

É certo que o avanço do setor terciário faz parte de mudanças estruturais mais amplas nas economias regionais durante o processo de desenvolvimento regional. Os estudos pioneiros de Singer (1971) e, mais recentemente, de Ferrera de Lima et al. (2006a) para a região Sul do Brasil demonstram que, no início do processo de desenvolvimento, o setor primário surge como “carro-chefe” da dinâmica regional, porém vai perdendo espaço na geração de emprego e produto para outros setores urbanos. Na maturidade do processo de desenvolvimento regional, a economia passa de um *continuum* urbano-rural para um *continuum* urbano-industrial e se associa geograficamente

com outras economias regionais. Na análise da dinâmica regional, a região está relacionada à idéia de que áreas geográficas são um conjunto único em virtude de suas características. Estas características são as estruturas de produção, padrões de consumo, distribuição da força de trabalho, elementos culturais, sociais e políticos. Para Ferrera de Lima et al. (2006b), a articulação espacial da região faz-se pelo processo social tendo como determinantes, a rede de comunicação e de lugares. Essas articulações deverão possibilitar que o espaço delimitado como região tenha uma identidade regional. Esta identidade é uma realidade constituída ao longo do tempo pela sociedade que aí se formou.

De acordo com Desbiens e Ferrera de Lima (2004), essas dimensões impactam na organização do espaço e mudam a dinâmica estrutural da produção setorial. Por isso, essa análise busca compreender, através dos métodos de análise regional, o comportamento do emprego nos setores produtivos e como eles mudam espacialmente ao longo do tempo. Por isso, para essa análise, utilizou-se o método *shift-share* e algumas medidas de localização e especialização. A variável foi o número de empregados distribuídos regionalmente por setores. Pode-se pressupor que os setores mais dinâmicos empregam mais mão-de-obra no decorrer do tempo. Além disso, mais ocupação da mão-de-obra reflete-se em mais salários e, conseqüentemente, na geração e distribuição da renda regional, o que estimula o consumo e a dinâmica da região.

Os dados sobre o número de empregados foram coletados no banco de dados *on-line* da Relação Anual das Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Os setores foram agrupados da seguinte forma: indústria, construção civil, comércio, serviços e agropecuária. A construção civil e o comércio foram desmembrados dos setores secundário e terciário, respectivamente, em virtude da importância que eles assumem em algumas economias, pois são empregadores em potencial de mão-de-obra de baixa qualificação. Assim, o seu dinamismo tem um maior impacto social nas regiões que possuem as mais baixas taxas de qualificação e escolarização, como a região Centro-Oeste, Norte e Nordeste do

Brasil. O período-base de análise foram os anos de 1985, 1990, 1995 e 2000.

As medidas de especialização e de localização e o método *shift-share* permitem o conhecimento dos padrões do crescimento econômico da região e suas sub-regiões. Particularmente, as medidas de localização (Quociente Locacional e Coeficiente de Redistribuição) são de natureza setorial e se preocupam com a localização do emprego nos setores entre as regiões, ou seja, procuram identificar padrões de concentração ou dispersão do número de empregados num determinado período. As medidas de especialização (Coeficiente de Especialização e o Coeficiente de Reestruturação) concentram-se na análise da estrutura produtiva de cada região, fornecendo informações sobre o grau de especialização das economias regionais.

Além disso, essas medidas, ao utilizarem o peso relativo do número de empregados, anulam as perturbações introduzidas pelas disparidades de dimensões das regiões. Nesse caso, o coeficiente de correlação seria sempre elevado e positivo. Por isso, os métodos de análise regional utilizam valores relativos e são ferramentas cômodas e confiáveis para o tratamento de variáveis distribuídas em unidades espaciais de tamanhos diferentes. No geral, eles dão uma medida da importância relativa de uma modalidade ou categoria numa região, comparando o seu “peso” ou participação nas outras regiões.

Para a estimativa das medidas, têm-se as seguintes equações:

$$E_{ij} = \text{Número de empregados no setor } i \text{ da região} \quad (1)$$

$$\sum_j E_{ij} = \text{Número de empregados no setor } i \text{ de todas as regiões;} \quad (2)$$

$$\sum_i E_{ij} = \text{Número de empregados em todos os setores da região } j; \quad (3)$$

$$\sum_i \sum_j E_{ij} = \text{Número de empregados em todos os setores e todas as regiões.} \quad (4)$$

A partir das equações (1, 2, 3 e 4) organiza-se o Quadro 1, que sintetiza as medidas de localização/especialização e seu padrão de análise.

Indicador	Equação	Interpretação dos Resultados
Quociente Locacional (QL)	$QL = \frac{E_{ij} / \sum_j E_{ij}}{\sum_i E_{ij} / \sum_i \sum_j E_{ij}}$	QL ≥ 1 / Localização significativa 0,50 ≤ QL ≤ 0,99 / Localização média QL ≤ 0,49 / Localização fraca
Coeficiente de Especialização (CE)	$CE = \frac{\sum_i \left( \left( E_{ij} / \sum_i E_{ij} \right) - \left( \sum_j E_{ij} / \sum_i \sum_j E_{ij} \right) \right)}{2}$	Próximo a 0 = Diversificação significativa Próximo a 1 = Especialização significativa
Coeficiente de Redistribuição (CR)	$CR = \frac{\sum_j \left( \left( E_{ij} / \sum_j E_{ij} \right) - \left( E_{ij} / \sum_j E_{ij} \right) \right)}{2}$	Próximo a 0 = redistribuição locacional não-significativa Próximo a 1 = redistribuição locacional significativa
Coeficiente de Reestruturação (Cr)	$Cr = \frac{\sum_i \left( \left( E_{ij} / \sum_i E_{ij} \right) - \left( E_{ij} / \sum_i E_{ij} \right) \right)}{2}$	Próximo a 0 = Reestruturação não-significativa Próximo a 1 = Reestruturação significativa

**Quadro 1 – Descrição do Padrão de Análise das Medidas de Localização e Especialização**

Fonte: Haddad (1989) e Ferrera de Lima (2006).

O Quociente Locacional (QL) é utilizado para comparar a participação percentual do número de empregados de uma região com a participação percentual do Brasil. O quociente locacional pode ser analisado a partir de setores específicos ou no seu conjunto. A importância do município no contexto regional, em relação ao setor estudado, é demonstrada quando  $QL_{ij}$  assume valores ≥ 1. Nesse caso o setor é considerado especializado. Como o quociente é medido a partir de informações do número de empregados (E), ele indica a concentração relativa de emprego em determinados setores nas regiões.

O Coeficiente de Especialização (CEsp) é uma medida regional. As medidas regionais concentram-se na estrutura produtiva de cada região, fornecendo informações sobre o nível de especialização da

economia num período. Através do coeficiente de especialização, compara-se a economia de uma região com a economia do Brasil. Para resultados iguais a 0 (zero), a região tem composição idêntica à do Brasil. Em contrapartida, coeficientes iguais ou próximos a 1 demonstram um elevado grau de especialização ligado a um determinado setor, ou uma estrutura de empregados totalmente diversa da estrutura de emprego nacional.

O Coeficiente de Redistribuição (CR) relaciona a distribuição percentual do número de empregados de um mesmo setor em dois períodos de tempo, objetivando examinar se está prevalecendo para o setor algum padrão de concentração ou dispersão espacial ao longo do tempo. Seu valor varia de 0 a 1, sendo que, quando o coeficiente se aproximar de zero (0), significa que não terão ocorrido mudanças

significativas no padrão espacial de localização do setor; o contrário ocorrerá quando o coeficiente se aproximar de um (1).

O Coeficiente de Reestruturação (Cr) relaciona a estrutura do número de empregados por região entre dois períodos, ano-base 0 e ano 1, objetivando verificar o grau de mudanças na especialização de cada região. Coeficientes iguais a zero (0) indicam que não ocorreram modificações na estrutura setorial da região, e iguais a um (1) demonstra uma reestruturação substancial.

## 2.1 – O Modelo Diferencial e Estrutural ou *Shift-share*

O modelo de análise diferencial-estrutural ou *shift-share* demonstra o padrão do crescimento do emprego nas regiões em relação ao Brasil. Dessa forma, é necessário analisar a variação e o deslocamento do número de empregados no período estudado entre os setores. Deve-se ressaltar que, na análise diferencial-estrutural, será utilizada uma variante do modelo *shift-share* compilado de El Bekri (2000); Lamarche; Srinath e Ray (2003) e Souza e Souza (2004).

Assim, utilizando-se a matriz da distribuição espacial do número de empregados setorial, chega-se à equação a seguir:

$$VLT_{ij} = \left( \frac{Ano\ 2}{E^{ij}} - \frac{Ano\ 1}{E^{ij}} \right) - \frac{Ano\ 1}{E^{ij}} \left( \left( \frac{\sum_i \sum_j E_{ij}^{Ano\ 2}}{\sum_i \sum_j E_{ij}^{Ano\ 1}} \right) - 1 \right) \quad (5)$$

onde:

VLT = Variação Líquida Total do E.

Ano 1 = 1985 (1990, 1995)

Ano 2 = 1990 (1995, 2000)

E = Número de empregados por setor

A VLT indicará a diferença entre o valor real do número de empregados entre o ano 1 e o ano 2. Quando seu valor for positivo, significa que houve um incremento relativo do número de empregados em face da ocupação nacional. Ao contrário, quando o valor da

VLT for negativo, representa uma perda de posição relativa. Com isso, a magnitude do valor positivo demonstra o “peso” significativo do setor na dinâmica do número de empregados das regiões. Nesse sentido, os valores positivos demonstram ganhos e expansões nos desdobramentos do número de empregados. Por isso, os valores positivos demonstram um crescimento desse setor. Vale lembrar que a VLT é a diferença entre a parcela regional com a parcela estrutural. A primeira refere-se aos fatores diferenciais, ou seja, aos elementos locais da dinâmica econômica. Esses elementos locais refletem a especialização regional de um determinado setor (endógeno). A segunda representa os fatores estruturais, refletindo a composição regional da ocupação (exógenos). Assim, essa diferença entre a composição regional e a estrutural recebe o nome de efeito total, ou seja, variação líquida total. Dada essa característica, o modelo diferencial-estrutural apresenta o padrão e a fonte do crescimento setorial local ou regional.

A parcela regional e a parcela estrutural, ou seja, os fatores endógenos e exógenos supracitados podem ser calculados separadamente a partir da decomposição da VLT em duas parcelas. Essas parcelas recebem o nome de variação líquida diferencial, ou regional (VLD), e variação líquida estrutural (VLE).

Segundo El Bekri (2000) e Lamarche; Srinath e Ray (2003), o efeito diferencial (VLD) reflete o dinamismo que cada setor possui dentro da região. A VLD parte da constatação de que existem alguns setores que se expandem mais rapidamente que a média nacional do setor. A VLD está representada pela equação 6.

$$VLD_{ij} = \frac{Ano\ 1}{E^{ij}} \left( \left( \frac{Ano\ 2}{E^{ij}} / \frac{Ano\ 1}{E^{ij}} \right) - \left( \frac{\sum_j E_{ij}^{Ano\ 2}}{\sum_j E_{ij}^{Ano\ 1}} \right) \right) \quad (6)$$

onde:

VLD = Variação Líquida Diferencial do E.

Ano 1 = 1985 (1990, 1995)

Ano 2 = 1990 (1995, 2000)

E = Número de empregados por setor.



Assim, a VLD positiva indica os setores mais especializados de cada região. Essa especialização é explicada pela existência de economias de aglomeração de cada região, resultante de um conjunto de elementos que favorecem o crescimento regional, ou seja, possuem vantagens locacionais com respeito a cada setor.

Já o efeito estrutural (VLE) reflete a composição regional da ocupação, concentrada em setores economicamente dinâmicos. A VLE está representada pela equação 7.

$$VLE_{ij} = \frac{Ano 1}{E_{ij}} \left( \left( \frac{Ano 2}{\sum_j E_{ij}} / \frac{Ano 1}{\sum_j E_{ij}} \right) - \left( \frac{Ano 2}{\sum_i \sum_j E_{ij}} / \frac{Ano 1}{\sum_i \sum_j E_{ij}} \right) \right) \quad (7)$$

onde:

VLE = Variação Líquida Estrutural do E.

Ano 1 = 1985 (1990, 1995)

Ano 2 = 1990 (1995, 2000)

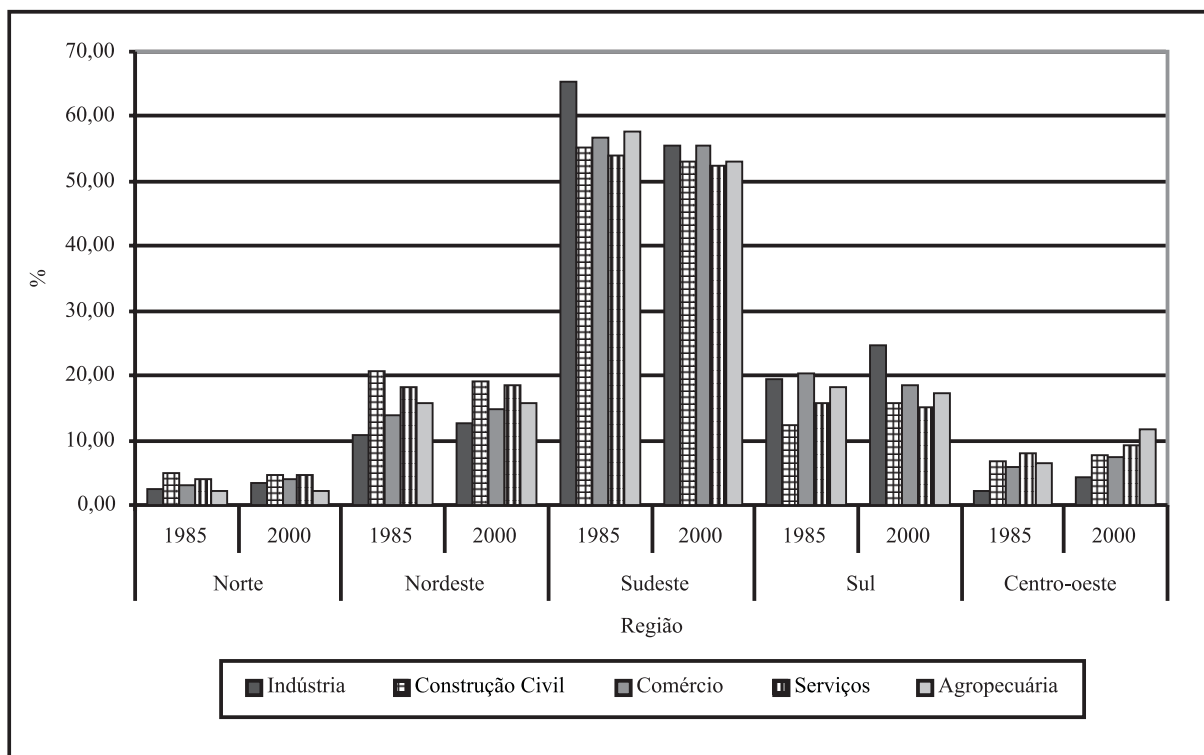
E = Número de empregados por setor.

Dessa forma, uma VLE positiva indica uma concentração da estrutura do número de empregados da região em setores de alto dinamismo, enquanto a VLE negativa indica uma economia baseada em setores não-dinâmicos.

### 3 – O PADRÃO DE LOCALIZAÇÃO DO EMPREGO NAS REGIÕES BRASILEIRAS

A seguir, são apresentados os resultados obtidos com a aplicação da metodologia de análise regional. No Gráfico 1, observa-se a distribuição percentual do número de empregados entre as regiões brasileiras.

Observa-se, pelo Gráfico 1, que o maior percentual de empregados está concentrado na região Sudeste, em função da sua densidade demográfica e do nível de urbanização. Nota-se, no entanto, que o percentual de empregados desta região apresentou decréscimos em todas as atividades, principalmente nos setores industrial e agropecuário. A região Centro-Oeste apresentou aumento em todos os setores, com destaque para a agropecuária e indústria. O



**Gráfico 1 – Distribuição Percentual dos Empregados entre as Regiões do Brasil – 1985 e 2000**

Fonte: Brasil (2007).

contrário ocorreu na região Sul, que apresentou aumentos nos setores da indústria e construção civil e decréscimos nos demais.

Nas regiões Norte e Nordeste, não ocorreram mudanças significativas na criação de empregos, comparando-se com o Sul e Sudeste, tanto que o volume de empregos formais na agropecuária permaneceu estabilizado entre 1985 e 2000. No caso específico do Nordeste, um estudo de Prochnik e Haguener (2002) demonstrou que o pessoal ocupado na estrutura produtiva da região tinha no setor agropecuário uma participação de 86,1% contra 61,4% no Brasil. Da mesma forma, o pessoal ocupado na estrutura produtiva da construção civil correspondia a 11,5% contra 19,5% do Brasil. Assim, a ocupação da mão-de-obra e a geração de valor adicionado no Nordeste ocorrem em setores tradicionais. Diferente de regiões mais recentemente ocupadas, como as regiões Sul e Centro-Oeste, que, na década de 1990, aceleraram o processo de agroindustrialização e pouco a pouco ampliaram a indústria metal-mecânica. O setor de carnes e embutidos dessas regiões aumentou a capacidade instalada e ampliou o seu potencial de exportações com a conquista de mercados na Ásia e Oriente Médio. Para Diniz (2002), a expansão agroindustrial propiciou a transferência de mão-de-obra do Sul e Sudeste para o Centro-Oeste e Norte.

Na Figura 1, é apresentado o perfil de localização setorial nas regiões brasileiras, ou seja, os resultados sintetizados do Quociente Locacional.

Pela Figura 1, nas regiões Norte e Nordeste, foram os setores de construção civil e de serviços os mais significativos no padrão de localização setorial do emprego. Nessas regiões, esses setores apresentaram a maior concentração espacial do emprego. Nas regiões Sudeste e Sul, os setores mais significativos foram os da indústria e comércio, com valores  $\geq 1$ . É interessante destacar que o setor industrial sulino, no ano de 2000, apresentou o maior valor do QL setorial em relação às demais regiões. A explicação para o destaque do setor industrial na região Sul, além da expansão agroindustrial, a partir da década de 1990, foi a expansão da indústria automobilística. Conforme estudos de Pinheiro; Parré e Lopes (2006), somente o Estado

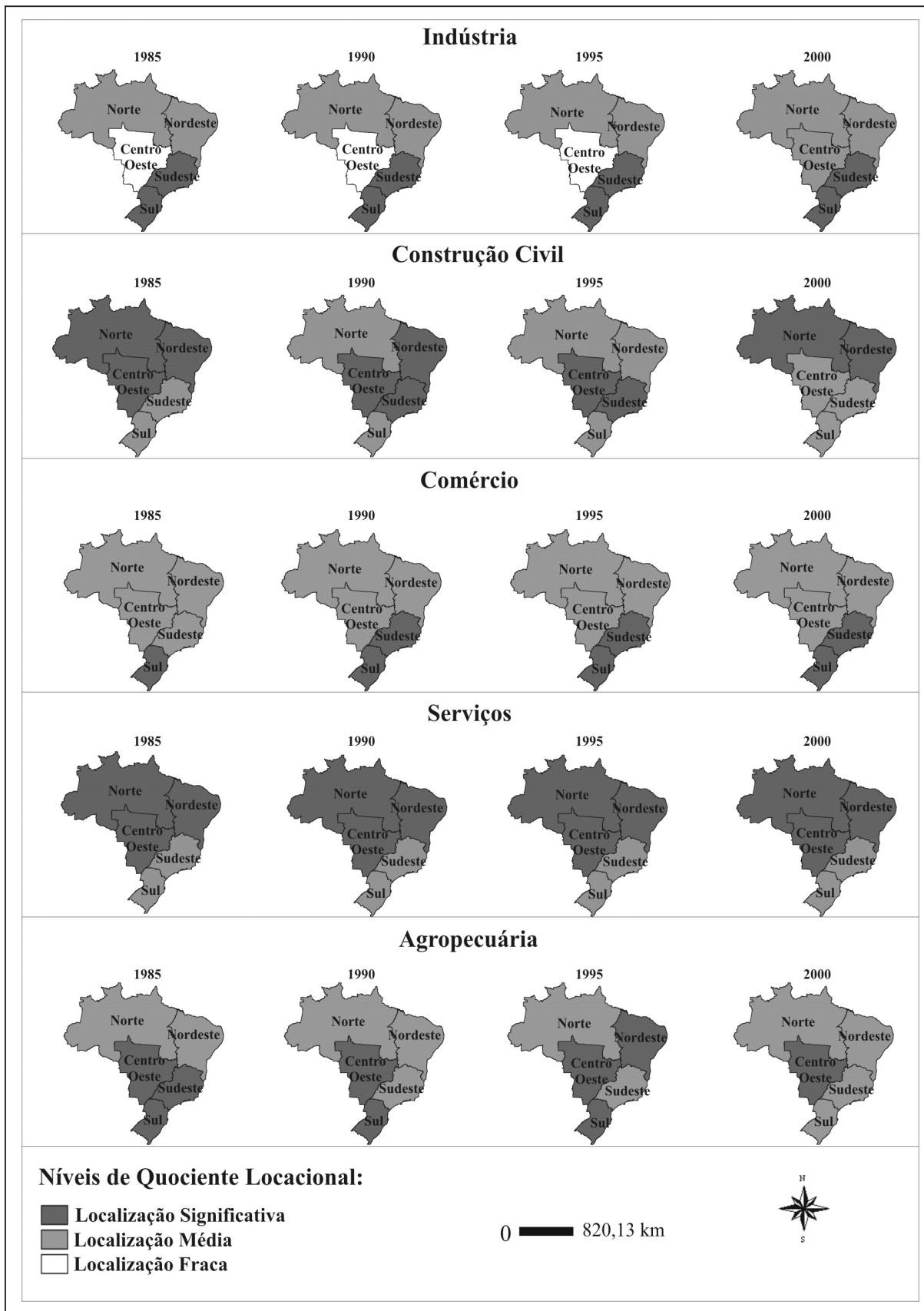
do Paraná acolheu, entre 1994 e 1999, seis montadoras de automóveis e atraiu com elas uma gama de empresas do setor de autopeças e serviços. Deve-se salientar que a região também conta com um parque industrial diversificado, cujos principais setores são: petroquímico, frigoríficos, abatedouros, construção, alimentos, metalurgia, dentre outros.

O setor agropecuário apresentou valores representativos e se destacou na região Centro-Oeste no ano de 2000. Nessa região, o setor de serviços acompanhou o dinamismo do setor primário. A integração rodo-ferroviária com a região Norte melhorou o escoamento e a rentabilidade da sua produção de grãos na região Amazônica e viabilizou novas áreas para a fronteira agrícola. Como a região Sul, principalmente o Estado do Paraná, vem apresentando uma demanda crescente na cultura de milho, a região Centro-Oeste tornou-se, ao longo dos anos 1990, um fornecedor-exportador intra-regional de grãos e insumos para a estrutura de produção de carnes paranaense, com destaque no oeste desse Estado.

Além disso, a Figura 1 apresenta algumas particularidades. A primeira é o padrão da especialização da indústria e o comércio. Ambos assumem sua localização significativa no Centro-Sul do Brasil – Sudeste e Sul – demonstrando uma forte associação geográfica, fortalecida a partir de 1990. Da mesma forma, as outras regiões brasileiras convergem para uma localização média do emprego industrial em 2000, refletindo o “avanço” desse setor, ao longo do tempo, nessas regiões.

A segunda é a estabilidade espacial da localização do setor de serviços. No final do século XX, não houve mudanças no seu padrão de localização, apesar das mudanças espaciais em outros setores. Somente em 1985, os serviços tinham o mesmo perfil espacial da construção civil. Assim, o setor de serviços tem uma dinâmica independente dos outros setores, favorecendo as regiões no eixo Centro-Norte-Nordeste.

A terceira particularidade é o perfil da localização da construção civil e da agropecuária. Enquanto os outros setores econômicos mantêm um perfil inalterado em termos de localização, a agropecuária



**Figura 1 - Quociente Locacional do Emprego nas Regiões do Brasil (1985 a 2000)**

Fonte: Resultado da Pesquisa.



e a construção civil sofrem mudanças cíclicas no emprego formal. A construção civil tem um padrão de localização significativo nas áreas de fronteira agrícola, ou seja, regiões onde as infra-estruturas de produção, transformação e comercialização ainda estão-se consolidando. No entanto, em 2000, ela concentra-se no Norte e Nordeste. No caso do Nordeste, esse setor sempre teve uma forte participação, em virtude do potencial turístico e da mobilidade da fronteira agrícola no Piauí, Maranhão e oeste baiano, sem contar a fruticultura irrigada no Vale do São Francisco. Já a agropecuária apresenta um perfil de retração espacial que favoreceu o Centro-Oeste brasileiro, cuja ocupação definitiva está em fase de consolidação. Tanto que, entre 1985 e 2000, o Centro-Oeste mantém-se altamente especializado, com a maior concentração de contingentes de mão-de-obra ocupada formalmente. Porém, essa consolidação é conquistada após a estabilização da economia, quando as regiões Sul e Nordeste perdem posição.

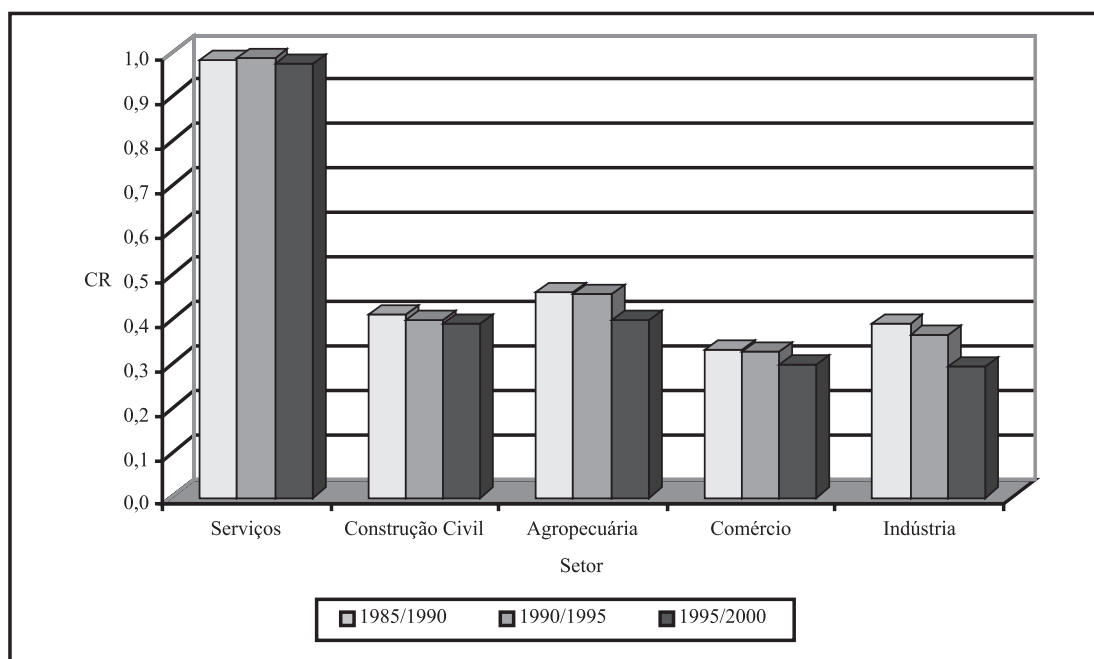
O Gráfico 2 apresenta os resultados do coeficiente de redistribuição dos setores em análise.

Nota-se, pelo Gráfico 2, que os coeficientes de todos os setores apresentaram decréscimos

no período analisado. Apesar destes decréscimos, os setores de serviços e agropecuário tiveram os coeficientes mais representativos. Isso demonstra que esses setores, principalmente o de serviços, apresentaram mudanças significativas em seu padrão espacial de localização. A questão é saber quem ganha com essa redistribuição. A resposta vem das mudanças que ocorrem na economia regional brasileira, que consolida a especialização do emprego nos serviços, na agropecuária e na construção civil nas regiões de fronteira agrícola (Norte e Centro-Oeste) e no Nordeste, ou seja, as regiões proporcionalmente menos industrializadas do país. Nesse sentido, o processo de redistribuição do emprego favorece e reforça o “peso” locacional dessas regiões.

Já no Gráfico 3, é apresentado o coeficiente de especialização, ou seja, o comportamento da especialização do emprego nas regiões em relação ao país.

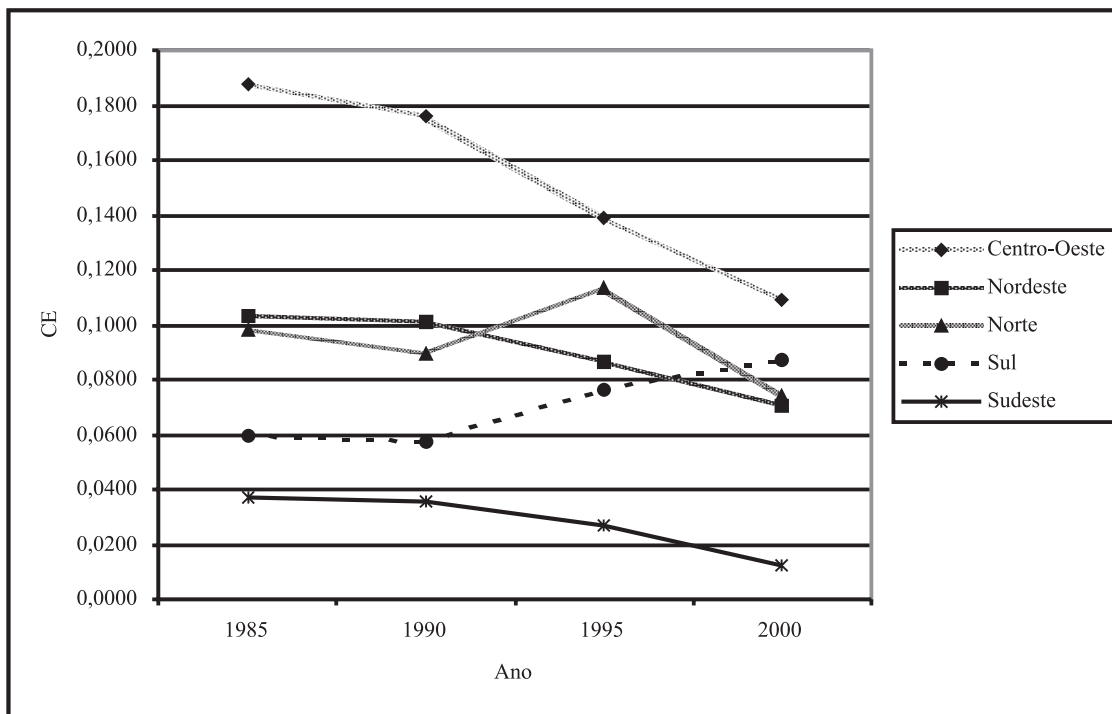
Pelo Gráfico 3, nota-se que a região Sul chegou ao ano de 2000 como uma das regiões com maior nível de especialização do emprego formal setorial, convergindo no patamar do Centro-Oeste. Nesse caso, as duas regiões apresentam evoluções



**Gráfico 2 – O Padrão de Redistribuição (CR) do Emprego Formal Setorial no Brasil (1985 a 2000)**

Fonte: Resultados da Pesquisa.

Nota: \*CR = Coeficiente de redistribuição.



**Gráfico 3 - Especialização Regional (CE) do Emprego Formal nas Regiões do Brasil (1985 a 2000)**

**Fonte:** Resultado da Pesquisa.

**Nota:** CE = Coeficiente de especialização.

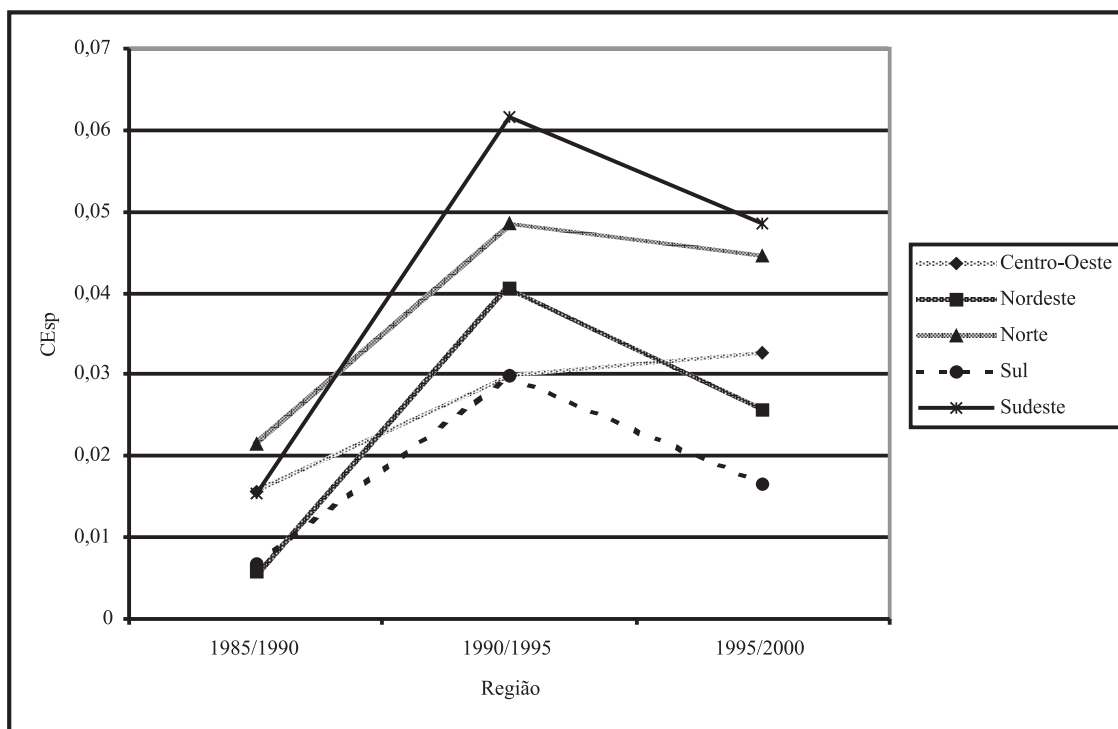
diferenciadas no Coeficiente de Especialização. Enquanto o Sul se especializa, o Centro-Oeste se diversifica. Vale destacar que a região Sul foi a única a apresentar evolução do CE no período de 1995 a 2000, ou seja, ela vem ampliando o grau de especialização. Ao cruzarmos os dados do Gráfico 3 com a Figura 1, vê-se claramente que a região Sul, no final do século XX, fortaleceu seu peso relativo no setor industrial e no comércio, apesar da transferência de mão-de-obra do setor terciário para o secundário. Geralmente, na metamorfose estrutural por que passam as regiões no processo de desenvolvimento, as transferências de mão-de-obra entre os setores ocorrem favorecendo o setor terciário e diminuindo os contingentes na agropecuária e na indústria. Nesse caso, no Sul do Brasil ocorreu o contrário. Isso não significa um retrocesso no processo de desenvolvimento regional, mas uma particularidade que deve ser mais bem estudada. Assim, as regiões brasileiras, com exceção do Sul do país, tendem a convergir em direção à diversificação.

Já o Sudeste destacou-se como o mais diversificado em todo o período estudado, comprovando

a tese de que é nessa região que se concentra o maior potencial de mercado, conforme estudos de Azzoni e Capelato (1996). No Gráfico 3, nota-se que, apesar de a região Sul ter apresentado um nível de especialização bem significativo em 2000, ela acompanhou as tendências do Sudeste e Nordeste na reestruturação setorial do emprego.

Nota-se, através do Gráfico 4, que foram as regiões Sudeste e Norte que apresentaram um grau de mudanças consideráveis na reestruturação regional. Essas duas regiões, juntamente com o Nordeste e o Sul, apresentaram valores em decréscimo no período de 1990 a 2000. A região Centro-Oeste apresentou melhoras no seu coeficiente, sendo a região que ficou em terceiro lugar no período de 1995 a 2000.

Em todo caso, a economia brasileira reestruturou-se de um modo geral. As particularidades ocorrem no movimento da reestruturação. As regiões Sul, Nordeste e Sudeste têm movimentos na mesma direção em termos de reestruturação espacial do emprego formal. O mesmo não acontece



**Gráfico 4 – Reestruturação do Emprego (Cr) Regional no Brasil (1985 a 2000)**

Fonte: Resultado da Pesquisa.

Nota: Cr = Coeficiente de reestruturação.

com o Norte e Centro-Oeste, que não acompanham na mesma magnitude os movimentos das outras regiões. Assim, pode-se inferir que essas regiões, dadas suas particularidades e aptidões regionais, tiveram uma dinâmica diferenciada do resto do Brasil em termos mercado de trabalho.

#### 4 – A DINÂMICA DIFERENCIAL-ESTRUTURAL DO EMPREGO FORMAL NAS REGIÕES BRASILEIRAS

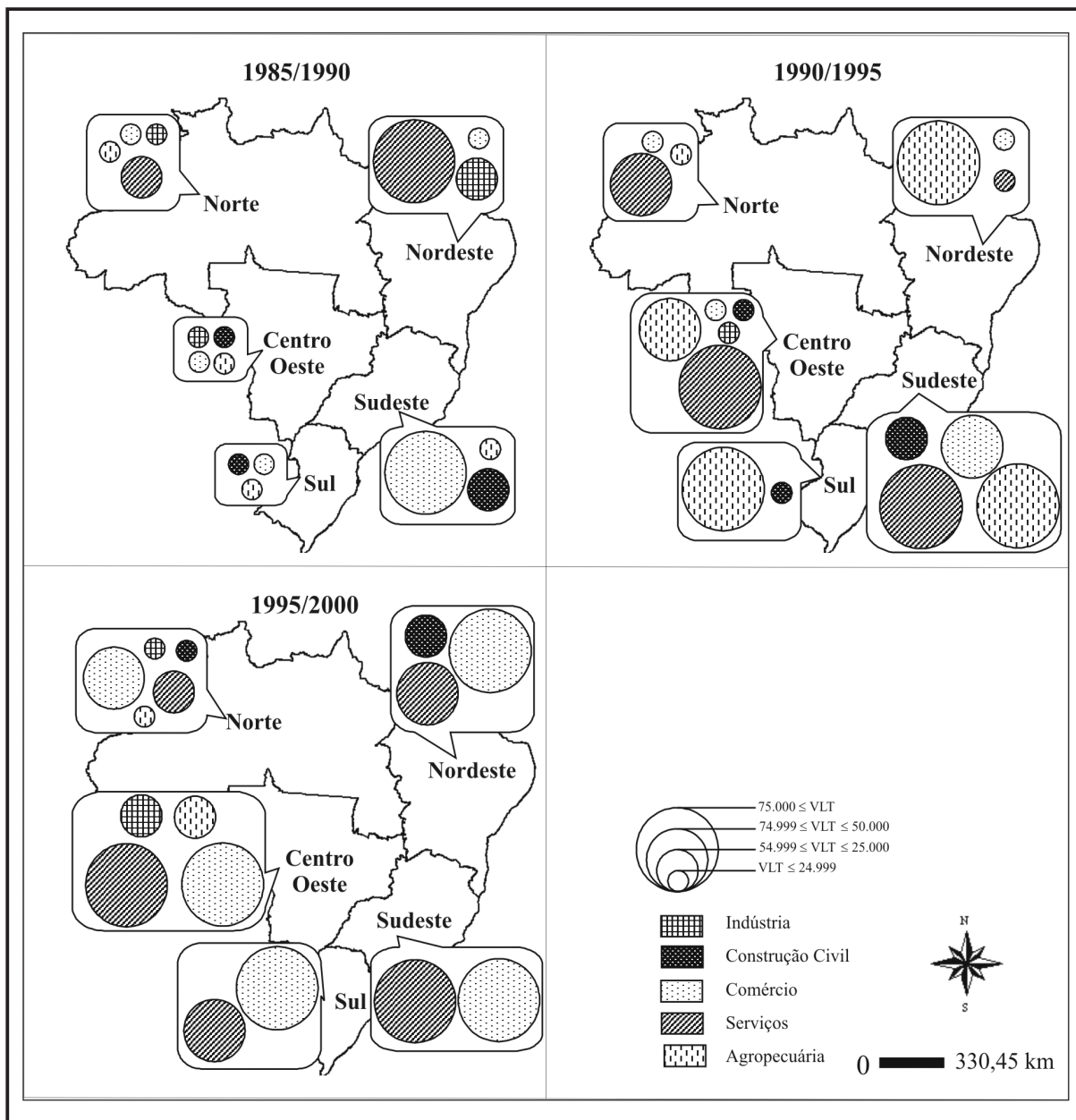
A análise diferencial-estrutural, ou *shift and share*, auxilia na compreensão da dinâmica setorial, ao indicar os setores responsáveis por essa dinâmica. Na Figura 2, são apresentados os índices de Variação Líquida Total (VLT), que mostram a diferença entre o crescimento real do número de empregados setorial e aquele que as regiões teriam se crescessem na mesma proporção do país como um todo.

Pela Figura 2, nota-se quais foram os setores que cresceram com taxas superiores à do país como um todo. O período compreendido entre 1985 e 1990 foi de maior dinamismo nas regiões Nordeste e Sudeste, ou seja, essas duas regiões apresentaram

setores com crescimento muito superior em relação à média total e setorial de crescimento do país. O setor de maior destaque no Sudeste foi o comercial, e no Nordeste foi o de serviços. Nas demais regiões, o crescimento setorial foi mais modesto.

Já para o período posterior, de 1990 a 1995, crescimentos diversificados podem ser visualizados. Esse período compreende a mudança de moeda para o real e consolidação desse novo plano econômico de estabilização. De certa forma, os resultados setoriais e regionais já refletem os efeitos positivos dos ajustes conjunturais no país. Agora, os setores da agropecuária, de serviços e do comércio são os que mais se destacaram na maioria das regiões.

Em relação ao período de 1995 a 2000, observa-se que, em todas as regiões, os setores comercial e de serviços apresentaram os maiores valores, denotando que estes setores tiveram um crescimento superior em relação aos demais, absorvendo mais mão-de-obra nesse período. Além disso, esses dois setores foram os únicos que se destacaram nas regiões Sudeste e Sul. Na região Norte, todos os setores apresentaram valores positivos, mostrando



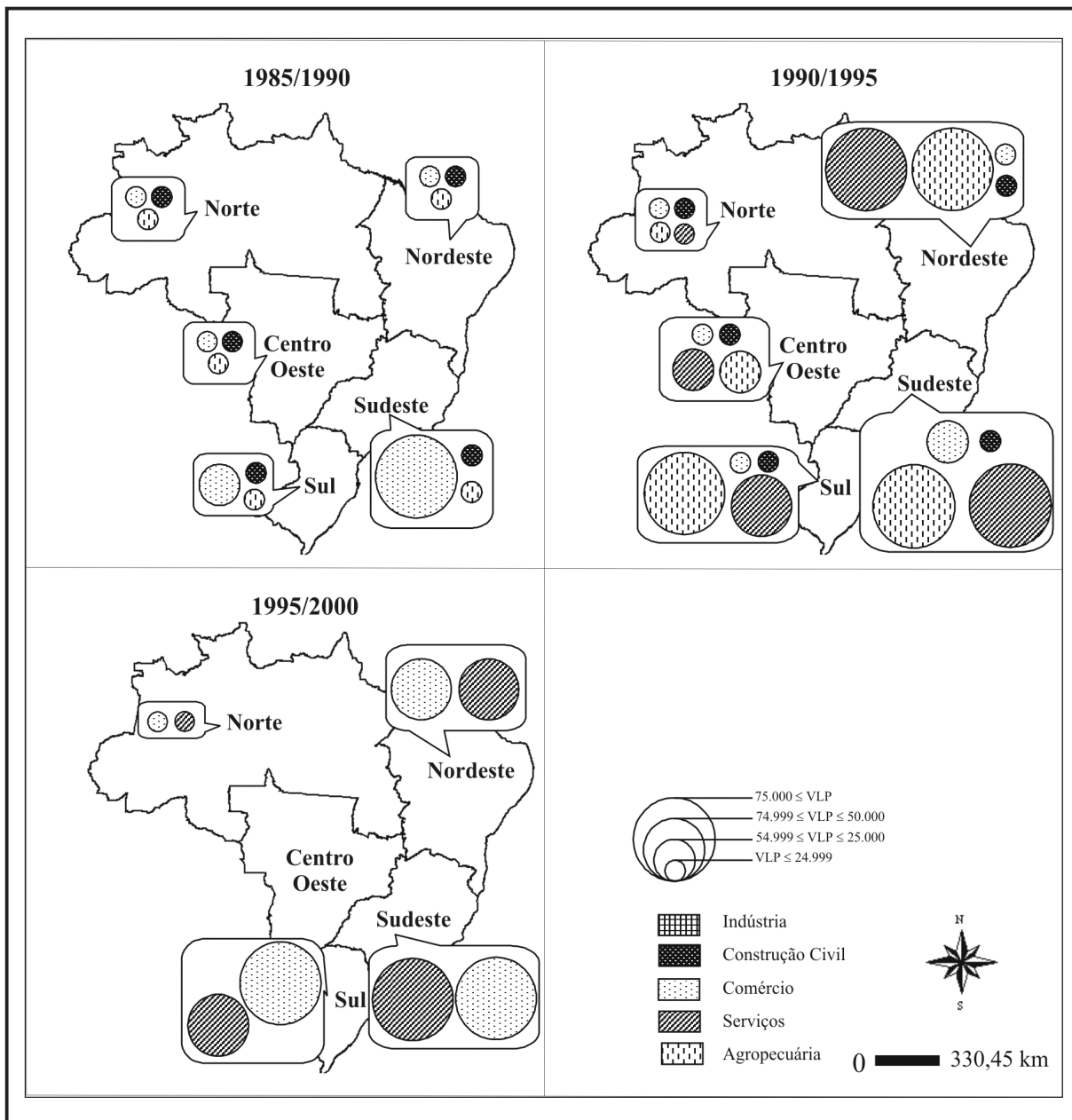
**Figura 2 – Variação Líquida Total (VLT) Positiva do Emprego no Brasil (1985 a 2000)**

Fonte: Resultados da Pesquisa.

uma dinâmica mais diversificada. Fato semelhante ocorreu no Centro-Oeste do país.

Deve-se ressaltar que a economia da região Centro-Oeste vem crescendo a ritmos semelhantes aos do País. O setor mais importante da economia desta região é a agroindústria. Além disso, ela é a maior produtora de soja, sorgo, algodão em pluma e girassol, que são em grande parte absorvidos por seu complexo produtivo. A produção de arroz,

milho e o rebanho de bovinos também são muito significativos na região. As principais indústrias são do setor de alimentos e de produtos, como adubos, fertilizantes e rações, além de frigoríficos e abatedouros. (CASTRO; FONSECA, 1995). Essas informações podem ser complementadas com alguns dados sobre a estrutura ocupacional e o dinamismo setorial das regiões brasileiras, que podem ser observados na Variação Líquida Estrutural (VLE). (Figura 3).



**Figura 3 – Variação Líquida Estrutural (VLE) Positiva do Emprego no Brasil (1985 a 2000)**

Fonte: Resultados da Pesquisa.

Nota-se na Figura 3 que a dinâmica de crescimento setorial, em relação à média de crescimento total do país, foi semelhante ao comportamento apresentado pela Figura 2: crescimentos mais modestos no primeiro período e mais expressivos nos períodos finais de análise. O período de 1990 e 1995 foi o de maior crescimento setorial das regiões. Aqui, os setores da agropecuária e de serviços foram os que mais se destacaram.

Já no período de 1995 a 2000, o setor comercial foi o mais representativo, confirmando os dados da Figura 2. As regiões Sudeste, Sul e Nordeste foram as que mais se destacaram nesse setor. Da mesma forma, o setor de serviços teve maior representatividade nessas três regiões. O interessante foi o Centro-Oeste que não apresentou valores positivos da VLE para nenhum setor. No caso da região Nordeste, conforme análise de Melo (2006), ela apresentou um impulso signi-



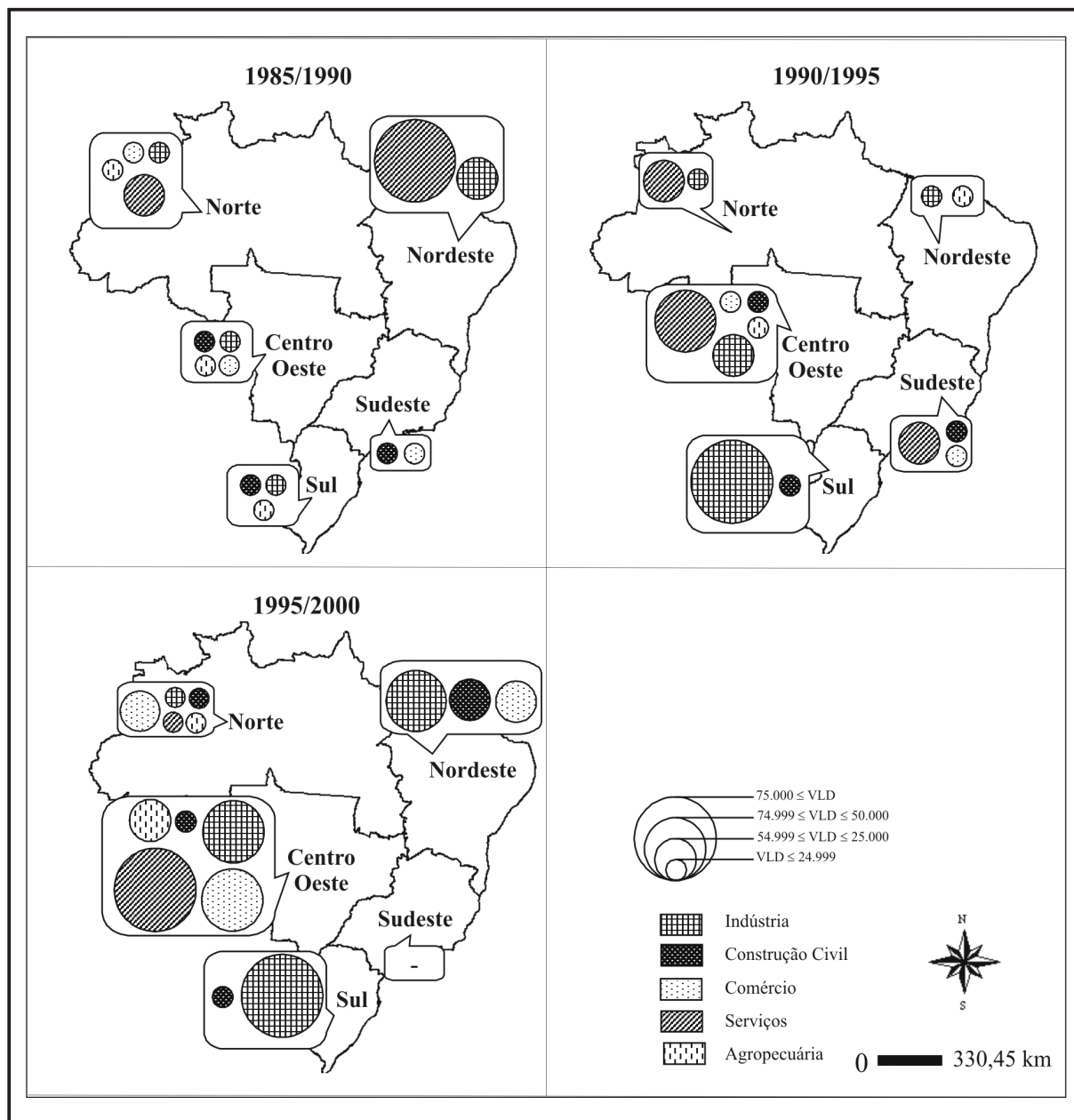
ficativo da economia regional nos últimos anos. Analisando o período de 1985 a 1990 (período em que o Nordeste apresentou a maior VLT comercial), o comércio apresentou aumento na ordem de 12,7% no seu Produto Interno Bruto nominal (PIB nominal).

Ressalta-se que, pelos dados da Figura 3, a economia brasileira foi dinamizada, no geral, pelos setores da construção civil, comércio e agropecuária no período de 1985 a 1990, pelos setores da cons-

trução civil, comércio, serviços e agropecuária no período de 1990 a 2000, e pelos setores do comércio e serviços no período de 1995 a 2000.

Esses fatos também são destacados pelo cálculo da Variação Líquida Diferencial (VLD) na Figura 4.

Através da Figura 4, apresentam-se os setores que obtiveram um crescimento superior ao do país, mas em decorrência de fatores essencialmente locais,



**Figura 4 – Variação Líquida Diferencial (VLD) Positiva do Emprego no Brasil (1985 a 2000)**

Fonte: Resultados da Pesquisa.

como, por exemplo, uma maior concentração de empregados em um determinado setor da região.

Nota-se que a região Sul apresentou os maiores valores no setor industrial, apresentando aumentos em todos os períodos analisados. De certa forma, essa característica reflete a entrada de várias agroindústrias naquela região durante esse período, além das indústrias de alta tecnologia que se instalaram nas regiões metropolitanas.

A região Centro-Oeste foi a que apresentou o maior número de valores positivos e com aumentos na maioria dos períodos, mostrando que esta região possui fatores locais que auxiliam no desenvolvimento de alguns setores. Com isso, pode-se afirmar que os setores que apresentaram valores positivos vêm obtendo taxas de crescimento superiores às taxas setoriais nacionais. Como na VLE essa região não apresentou nenhum valor positivo, pode-se afirmar que a dinâmica ocorreu por fatores essencialmente locais, fato confirmado pela VLD.

O interessante foi o Sudeste não ter apresentado valores positivos na sua VLD no último período, e valores muito pequenos para os períodos anteriores. Esse fato dá indícios de que a dinâmica dessa região ocorre por fatores exógenos, ou seja, a partir da dinâmica nacional.

Para as regiões Nordeste e Norte, os setores de serviços e indústria foram o “carro-chefe” dos períodos de 1985/1990 e 1990/1985. No período final, a indústria da construção civil, a indústria e o comércio foram os que mais se destacaram.

## 5 – CONCLUSÃO

O objetivo desse artigo foi analisar o desempenho setorial do emprego formal nas regiões brasileiras em relação ao Brasil, no período de 1985 a 2000. Analisou-se, através de um instrumental de análise regional, o desempenho das cinco regiões geográficas que compõem o país no tocante aos seus setores, detectando a importância do setor de serviços na ocupação da mão-de-obra.

Pela análise, nota-se que o mercado de trabalho nas regiões do Brasil vem-se reestruturando ao

longo dos anos. Essa reestruturação foi mais significativa entre 1985 e 1995. Nesse período, a economia nacional passou por profundas transformações, dentre as quais, podem-se citar a estabilização dos preços, a abertura comercial, as mudanças na política cambial e a entrada de investimentos externos diretos. Essa reestruturação refletiu os impactos da abertura econômica, a partir de 1990, a estabilidade macroeconômica dos preços, conseguida com o plano real, em 1994, a entrada de investimentos externos diretos e a atração de novos investimentos industriais de grande porte por algumas regiões, dentre elas a região Sul e Nordeste.

A produção agroindustrial teve um grande impulso, principalmente nas regiões Sul e Centro-Oeste. As marcas desse impulso foram: a expansão da produção agropecuária no Cerrado, o aumento da capacidade instalada das indústrias de carnes e embutidos no Paraná e Rio Grande do Sul e o aumento do consumo de insumos na cadeia produtiva da carne. Além disso, o aumento das exportações para o Oriente Médio e a Ásia contribuiu para o aumento na produção e ocupação de mão-de-obra nessas regiões. Sem contar que a região Sul expandiu consideravelmente seu potencial metal-mecânico com a criação do complexo automobilístico em São José dos Pinhais e Campo Largo (PR) e em Gravataí (RS).

No entanto, a região Sul não foi a única beneficiada com a reestruturação espacial da economia brasileira. As outras regiões também alteraram seu perfil locacional. A região Sudeste teve um avanço considerável na produção de tecnologia de ponta, principalmente aeroespacial, além de continuar extremamente dinâmica em relação às outras regiões.

Já as regiões Norte e Nordeste ampliaram a produção de bens manufaturados. Os setores da produção têxtil, de calçados, a extração de minerais e a expansão das atividades turísticas são normalmente citados como potencialidades em expansão, sem esquecer os investimentos no complexo automobilístico e petroquímico na Bahia. No entanto, essas regiões ainda têm muitos desafios pela frente, dentre eles, a recuperação e ampliação da infra-estrutura disponível, a ampliação da qualificação da mão-de-obra, melhorias mais profundas nos indicadores

sociais, ampliação da área cultivável etc. Em todo caso, dadas as informações apresentadas na análise diferencial-estrutural, essas regiões vêm demonstrando uma tendência ao crescimento do emprego no final do século XX, apesar das dificuldades que vêm enfrentando em termos de investimentos e de melhoria na qualidade de vida.

Em resumo, os resultados da análise apontam uma tendência de redistribuição setorial do emprego entre as regiões brasileiras. No caso particular do Norte e Centro-Oeste, o setor primário ganha postos de trabalho em função da fronteira agrícola móvel e a expansão da agroindústria. A região Sul, apesar do esgotamento da fronteira agrícola nos anos 1970, tem as agroindústrias de carnes, laticínios, oleaginosas, madeira e têxtil como grandes atratores de mão-de-obra de diferentes níveis de qualificação.

Portanto, nota-se que houve transformações consideráveis na estrutura setorial da economia brasileira no final do século XX, mas os resultados não apontam o setor de serviços como o “carro-chefe” dessas transformações. Essas transformações não foram maiores em função da fragilidade macroeconômica do processo de estabilização dos preços internos e do movimento da economia internacional. Sem contar os problemas energéticos que afetaram diretamente o Nordeste e o Sudeste. Quando resolvidos os problemas macroeconômicos e estruturais brasileiros, tais como a aguda dependência de capitais externos, a falta de infra-estrutura e a má qualidade da educação, com certeza a dinâmica setorial espacial do emprego nas regiões brasileiras refletirá uma nova reestruturação que beneficiará o setor de serviços. Até porque o setor de serviços se expande à medida que a distribuição e melhoria de renda fortaleçam o mercado interno regional. Nessa espacialização, as menos desenvolvidas serão responsáveis por uma dinâmica particular centrada nas aptidões regionais e na mobilidade da sua fronteira agrícola.

## Abstract

This article analyzes the standard of labor localization in the economic sectors of the Brazilian regions in the period from 1985 to 2000. The used

method is shift-share with specialization and localization measures. The results demonstrate that it had significant transformations in the sectorial distribution of the labor in the Brazilian economy in the end of century XX. These transformations had not been bigger in function of macroeconomic fragility of national economy and the movement of international economy, excluding the energy problems that had directly affected the Northeast and Southeast Brazilian regions. The labor sectorial dynamics in the Brazilian regions demonstrates that a new localization model of the economy is in course in Brazil.

## Key-words:

Regional Analysis, Labor Economy, Brazilian Economy.

## REFERÊNCIAS

AZZONI, C. R.; CAPELATO, R. Ranking das regiões paulistas segundo potencial de mercado. **Economia e Empresa**, Campinas, v. 3, n. 3, p. 4-21, jul./set. 1996.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação Anual das Informações Sociais: RAIS**. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: 2 mar. 2007.

CASTRO, A. C.; FONSECA, M. G. D. **A dinâmica agroindustrial do Centro-Oeste**. Brasília, DF: IPEA, 1995.

DESBIENS, Y.; FERRERA DE LIMA, J. Cadrage du développement régional. **Revista Interfaces**, n. 4, p. 179-192, 2004.

DINIZ, C. C. A nova configuração urbano-industrial do Brasil. In: KON, A. (Org.). **Unidade e fragmentação: a questão regional no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 87-116.

EL BEKRI, F. Disparités régionales et développement en Tunisie. **Revue d'Économie Urbaine et Régionale (RERU)**, Bordeaux, v. 5, n. 2, p. 877-914, 2000.

FERRERA DE LIMA, J. **Méthode d'analyse régionale: indicateurs de localisation, de structuration et de changement spatial**. Saguenay: UQAC, 2006.

FERRERA DE LIMA, J. et al. Análise regional das mesorregiões do Estado do Paraná no final do século XX. **Análise Econômica**, Porto Alegre, ano 24, n. 46, p. 7-27, set. 2006a.

FERRERA DE LIMA, J. et al. O comportamento locacional da mão-de-obra na região Sudeste do Brasil: Notas comparativas a partir dos indicadores de análise regional. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL: SOBER, 44., 2006, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: SOBER, 2006b. V. 1. CD-ROM.

FURTADO, C. **Celso Furtado entrevistado por Aspásia Camargo e Maria Andréia Loyola**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

HADDAD, J. H. (Org.). **Economia regional: teoria e métodos de análise**. Fortaleza: BNB, 1989.

KON, A. Novas territorialidades: transformações nas hierarquias econômicas regionais. **Pesquisa & Debate**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 42-76, 1999.

LAMARCHE, R. H.; SRINATH, K. P.; RAY, D. M. Correct partitioning of regional growth rates: improvements in shift-share theory. **Canadian Journal of Regional Science**, Montréal, v. 26, n. 1, p. 121-141, Spring 2003.

MARTINE, G.; DINIZ, C. Concentração econômica e demográfica no Brasil: recente inversão do padrão histórico. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 121-135, jul./dez. 1991.

MELO, M. C. Acompanhou a região Nordeste a dinâmica recente do comércio exterior brasileiro? In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS REGIONAIS E URBANOS: ENABER, 4., 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ABER, 2006. V. 1. CD-ROM.

MIRANDA, R. A. Comércio, crescimento e desenvolvimento econômico. **Estudos do CEPE**, Santa Cruz do Sul, n. 23, p. 7-18, jan./jun. 2006.

PINHEIRO, M. A.; PARRÉ, J. L.; LOPES, R. L. Perfil e distribuição espacial das indústrias no Estado do Paraná. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS REGIONAIS E URBANOS: ENABER,

4., 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ABER, 2006. V. 01. CD-ROM.

PROCHNIK, V.; HAGUENAUER, L. Cadeias produtivas e oportunidades de investimento no Nordeste brasileiro. **Análise Econômica**, Porto Alegre, ano 20, n. 38, p. 143-162, set. 2002.

SINGER, P. **População e desenvolvimento econômico**. São Paulo: Hucitec, 1971.

SOUZA, N. J.; SOUZA, R. B. Dinâmica estrutural-diferencial da região metropolitana de Porto Alegre, 1990-2000. **Revista de Economia**, Curitiba, v. 30, n. 2, p. 121-144, jul./dez. 2004.

---

Recebido para publicação em 04.05.2007.

## ANEXOS

**Tabela 1 – Quociente Locacional das Regiões Brasileiras - 1985/2000**

Setores	Norte				Nordeste				Sudeste				Sul				Centro-oeste			
	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000
Indústria	0,74	0,77	0,75	0,78	0,69	0,71	0,72	0,75	1,13	1,12	1,08	1,03	1,12	1,14	1,27	1,40	0,35	0,38	0,45	0,53
Const. Civil	1,45	0,92	0,82	1,11	1,33	1,16	0,94	1,14	0,96	1,01	1,07	0,99	0,71	0,79	0,86	0,88	1,13	1,13	1,06	0,95
Comércio	0,86	0,87	0,82	0,94	0,89	0,86	0,86	0,89	0,99	1,01	1,03	1,04	1,18	1,13	1,09	1,05	0,99	0,97	0,90	0,93
Serviços	1,15	1,17	1,21	1,13	1,17	1,18	1,16	1,12	0,94	0,93	0,95	0,98	0,91	0,91	0,87	0,85	1,34	1,32	1,24	1,16
Agropecuária	0,67	0,79	0,50	0,53	0,99	0,91	1,04	0,95	1,00	0,98	0,98	0,99	1,05	1,09	1,04	0,98	1,10	1,28	1,21	1,48

Fonte: Resultado da Pesquisa.

**Tabela 2 – Coeficiente de Redistribuição**

Região	Anos		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Indústria	0,3884	0,3630	0,2953
Construção Civil	0,4089	0,3978	0,3911
Comércio	0,3299	0,3268	0,2967
Serviços	0,9826	0,9846	0,9744
Agropecuária	0,4598	0,4561	0,3978

Fonte: Resultado da Pesquisa.

**Tabela 3 – Coeficiente de Localização no Período de 1985/1990/1995/2000**

Atividade	Anos			
	1985	1990	1995	2000
Indústria	0,0966	0,0928	0,0921	0,0881
Construção Civil	0,0745	0,0394	0,0406	0,0284
Comércio	0,0313	0,0298	0,0354	0,0272
Serviços	0,0521	0,0543	0,0494	0,0375
Agropecuária	0,0139	0,0324	0,0280	0,0379

Fonte: Resultado da Pesquisa.

**Tabela 4 – Coeficiente de Especialização no Período de 1985/1990/1995/2000**

Região	Ano			
	1985	1990	1995	2000
Norte	0,0983	0,0893	0,1134	0,0742
Nordeste	0,1035	0,1009	0,0865	0,0702
Sudeste	0,0370	0,0358	0,0267	0,0127
Sul	0,0600	0,0571	0,0762	0,0871
Centro-Oeste	0,1873	0,1759	0,1386	0,1088
Brasil	0,5682	0,4591	0,5491	0,3530

Fonte: Resultado da Pesquisa.



**Tabela 5 – Quociente de Reestruturação no Período de 1985/1990/1995/2000**

Região	Anos		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Norte	0,0215	0,0486	0,0445
Nordeste	0,0058	0,0406	0,0257
Sudeste	0,0154	0,0615	0,0486
Sul	0,0067	0,0299	0,0165
Centro-Oeste	0,0157	0,0299	0,0327
Brasil	0,0095	0,0467	0,0337

Fonte: Resultado da Pesquisa.

**Tabela 6 – Variação Líquida Total (VLT) no Período de 1985/1990/1995/2000**

Atividade	Norte			Nordeste			Sudeste		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Indústria	10.431,39	-28.024,36	968,11	30.064,05	-126.444,30	-33.364,83	-207.160,86	-873.731,63	-707.041,88
Construção C.	-13.971,97	-1.380,18	12.986,99	-10.192,13	-36.667,69	27.258,73	38.971,00	39.732,73	-134.473,13
Comércio	11.321,19	879,46	50.543,99	20.654,55	10.061,53	109.940,35	110.706,93	51.323,97	201.567,33
Serviços	34.201,45	60.893,31	31.189,63	89.625,13	6.939,92	64.267,48	-140.041,53	241.790,27	74.033,30
Agropecuária	2.489,61	7.355,40	2.327,38	-526,53	108.016,75	-18.341,65	1.252,93	325.303,91	-50.175,81

Fonte: Resultado da Pesquisa.

**Tabela 7 – Variação Líquida Total (VLT) no Período de 1985/1990/1995/2000**

Atividade	Sul			Centro-oeste		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Indústria	-21.023,16	-90.425,09	-21.200,62	8.993,80	21.059,01	35.058,60
Construção Civil	16.491,70	18.322,55	-9.567,09	3.278,61	6.798,15	-4.501,71
Comércio	2.498,46	-1.368,11	78.061,34	9.763,82	16.070,95	83.252,85
Serviços	-5.097,97	-13.953,49	46.636,50	-3.435,22	101.082,99	144.568,14
Agropecuária	5.378,71	104.354,80	-16.898,38	5.326,48	52.012,11	32.898,42

Fonte: Resultado da Pesquisa.

**Tabela 8 – Variação Líquida Proporcional (VLP) no Período de 1985/1990/1995/2000**

Atividade	Norte			Nordeste			Sudeste		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Indústria	-4.529,30	-30.593,72	-20.571,12	-19.217,78	-127.176,23	-84.172,31	-116.563,05	-699.139,13	-438.660,94
Construção C.	1.721,44	896,03	-3.391,26	7.179,37	5.080,32	-16.329,02	19.090,91	15.355,43	-64.487,32
Comércio	4.539,25	2.430,02	16.280,91	21.639,68	10.723,78	72.816,88	88.111,09	44.351,77	302.680,28
Serviços	-974,07	16.859,91	16.579,58	-4.539,04	76.098,81	67.216,74	-13.383,52	210.085,31	191.894,20
Agropecuária	318,18	17.120,72	-951,80	2.169,41	88.717,21	-8.421,12	8.012,84	332.801,59	-27.602,00

Fonte: Resultado da Pesquisa.

**Tabela 9 – Variação Líquida Proporcional (VLP) no Período de 1985/1990/1995/2000**

Atividade	Sul			Centro-oeste		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Indústria	-34.716,87	-215.773,31	-159.533,97	-3.669,08	-24.884,07	-22.641,13
Construção Civil	4.267,32	3.649,74	-16.219,97	2.318,06	1.823,88	-7.868,57
Comércio	31.619,79	14.954,39	99.130,68	9.035,02	4.506,85	32.458,24
Serviços	-3.886,66	62.267,85	54.441,95	-1.964,40	31.441,04	30.563,64
Agropecuária	2.514,47	112.415,69	-9.047,63	907,35	45.985,04	-4.166,46

Fonte: Resultado da Pesquisa.

**Tabela 10 – Variação Líquida Diferencial (VLD) no Período de 1985/1990/1995/2000**

Atividade	Norte			Nordeste			Sudeste		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Indústria	14.960,68	2.569,37	21.539,23	49.281,79	731,93	50.807,52	-90.597,91	-174.592,42	-268.380,91
Construção C.	-15.693,42	-2.276,21	16.378,24	-17.371,50	-41.748,01	43.587,75	19.880,10	24.377,32	-69.985,80
Comércio	6.781,94	-1.550,56	34.263,07	-985,12	-662,24	37.123,46	22.595,88	6.972,25	-101.112,87
Serviços	35.175,51	44.033,38	14.610,06	94.164,14	-69.158,95	-2.949,17	-126.658,23	31.704,68	-117.861,09
Agropecuária	2.171,44	-9.765,33	3.279,17	-2.695,93	19.299,55	-9.920,52	-6.759,90	-7.497,70	-22.573,82

Fonte: Resultado da Pesquisa.

**Tabela 11 – Variação Líquida Diferencial (VLD) no Período de 1985/1990/1995/2000**

Atividade	Sul			Centro-oeste		
	1985/1990	1990/1995	1995/2000	1985/1990	1990/1995	1995/2000
Indústria	13.693,71	125.348,29	138.333,30	12.662,88	45.943,09	57.699,73
Construção Civil	12.224,39	14.672,81	6.652,88	960,55	4.974,27	3.366,87
Comércio	-29.121,33	-16.322,49	-21.069,31	728,80	11.564,10	50.794,61
Serviços	-1.211,27	-76.221,30	-7.805,40	-1.470,80	69.641,92	114.004,45
Agropecuária	2.864,24	-8.060,88	-7.850,75	4.419,13	6.027,08	37.064,88

Fonte: Resultado da Pesquisa.

**Tabela 12 – Distribuição Percentual do Número de Empregados entre as Regiões do Brasil – 1985/1990/1995/2000**

Setores	Norte				Nordeste				Sudeste			
	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000
Indústria	2,53	2,79	2,84	3,24	10,75	11,59	11,60	12,56	65,23	63,70	60,46	55,38
Construção Civil	4,98	3,34	3,13	4,63	20,76	18,95	15,08	19,06	55,21	57,28	59,55	53,15
Comércio	2,93	3,16	3,11	3,92	13,97	13,93	13,91	14,79	56,87	57,62	57,83	55,46
Serviços	3,94	4,25	4,60	4,70	18,34	19,18	18,64	18,61	54,08	52,95	53,20	52,39
Agropecuária	2,29	2,87	1,90	2,20	15,58	14,86	16,78	15,85	57,55	55,74	55,00	52,89
Total das Atividades	3,42	3,63	3,80	4,17	15,67	16,27	16,11	16,68	57,72	56,81	55,89	53,54

Fonte: Resultado da Pesquisa.

**Tabela 13 – Distribuição Percentual do Número de Empregados entre as Regiões do Brasil – 1985/1990/1995/2000**

Setores	Sul				Centro-oeste				Brasil			
	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000	1985	1990	1995	2000
Indústria	19,43	19,66	21,99	24,60	2,05	2,27	3,12	4,21	100,00	100,00	100,00	100,00
Construção Civil	12,34	13,62	14,98	15,59	6,70	6,80	7,27	7,57	100,00	100,00	100,00	100,00
Comércio	20,41	19,43	18,94	18,45	5,83	5,86	6,20	7,40	100,00	100,00	100,00	100,00
Serviços	15,71	15,69	15,09	15,04	7,94	7,92	8,47	9,26	100,00	100,00	100,00	100,00
Agropecuária	18,06	18,83	18,03	17,29	6,52	7,70	8,30	11,76	100,00	100,00	100,00	100,00
Total das Atividades	17,28	17,27	17,34	17,63	5,91	6,02	6,86	7,97	100,00	100,00	100,00	100,00

**Fonte:** Resultado da Pesquisa.

Recebido para a publicação em